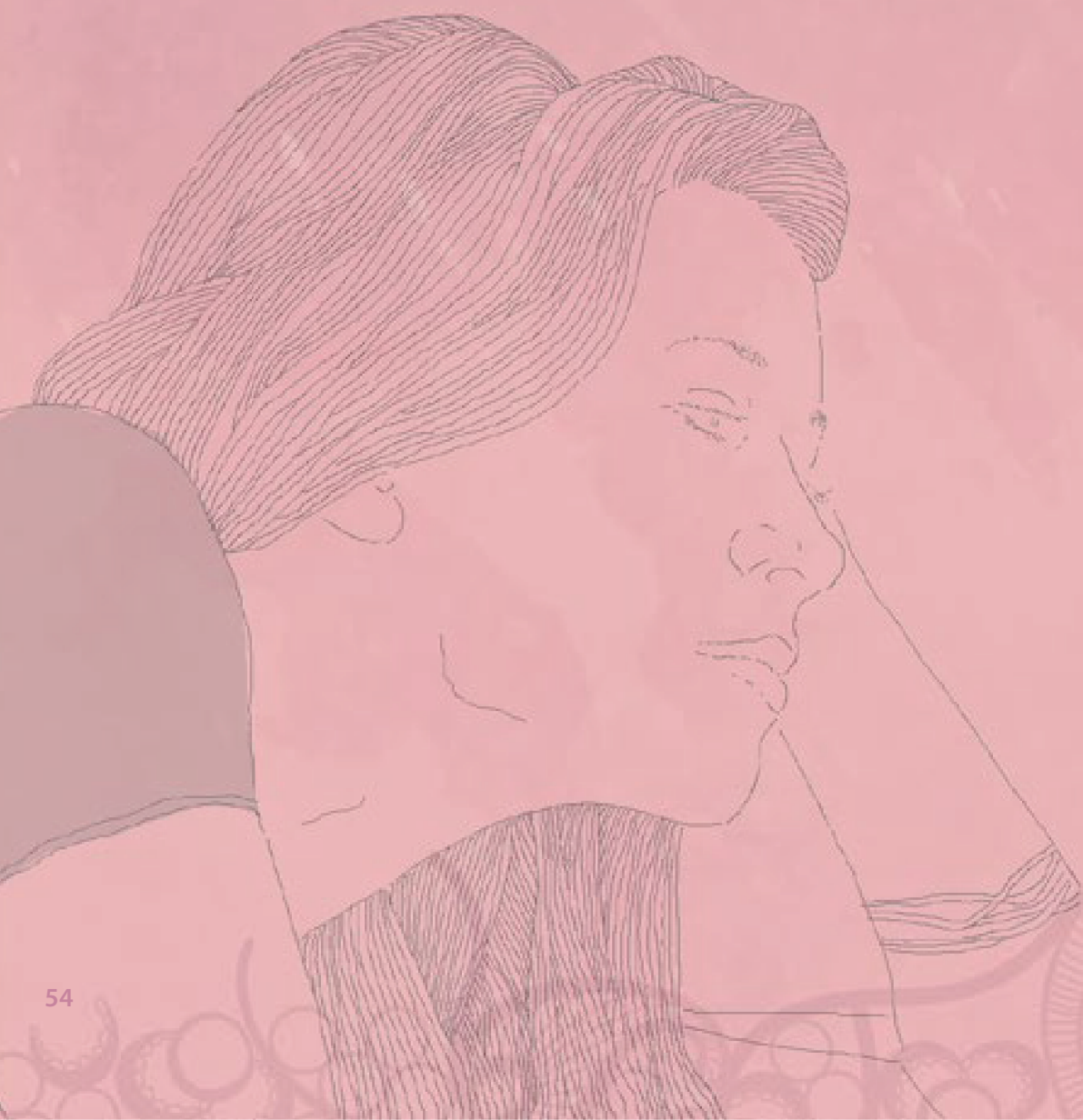


Gênero



Mulheres NAS CIÊNCIAS

Até o século XIX o acesso à educação era obstaculizado às mulheres. Desde então, estas guerreiras nunca fogem de seus desafios e, com força e garra os enfrentam, mostrando seu imenso potencial. Este breve texto pretende mostrar alguns exemplos de grandes cientistas que enfrentaram muitas barreiras e todo tipo de preconceito, conquistando seu espaço na ciência, em todas as áreas do conhecimento. Sobreleva-se aqui o belo trabalho de cientistas que, com determinação incomum, vem contribuindo e abrilhantando a ciência brasileira.



Integrantes da Federação Brasileira para o Progresso Feminino – FBPF com Marie Curie, no Pão de Açúcar, Rio de Janeiro. Agosto de 1926.

GUERREIRAS DA CIÊNCIA BRASILEIRA

Mulheres NAS CIÊNCIAS

Na história da humanidade, as mulheres foram excluídas da maior parte da educação científica formal. No final do século XIX, a ascensão à faculdade proporcionou-lhes melhores empregos e oportunidades de conhecimento. Nas ciências, a física Marie

Curie foi a primeira mulher a receber um Prêmio Nobel, em 1903, fato que se repetiu em 1911 com o Prêmio Nobel recebido na área da química, ambos por seu trabalho sobre radiação.

A ciência brasileira inicia seus primeiros passos com a criação da Universidade do Brasil (hoje UFRJ), na década de 20, e da USP, em 1934. Com o advento destas duas notáveis instituições, marca-se o início de nossas pesquisas científicas.

Atualmente as mulheres são maioria nas universidades brasileiras, mas ainda sofrem grande dificuldade no reconhecimento de seu trabalho, problema este que persiste desde o surgimento dos primeiros cursos de nível superior no Brasil.

O século XXI encontra um cenário mais promissor. Em diferentes áreas do conhecimento, no Brasil e no exterior, nossas cientistas têm superado todos os obstáculos e produzido pesquisas da maior relevância. Entre 1901 e 2016, quarenta e oito mulheres receberam o Prêmio Nobel, das quais dezenove foram em física, química, fisiologia ou medicina.

Segundo o CNPq (Conselho Nacional de Pesquisas), hoje mais de 50% dos pesquisadores no Brasil são mulheres. “Falar da história das mulheres brasileiras cientistas é reconhecer que a participação feminina foi e é fundamental para o avanço do conhecimento. Estas pioneiras abriram as portas do saber e do poder” (CNPq, 2018). Segundo levantamento realizado em 2017 pela Elsevier, uma das maiores editoras científica do mundo, mulheres publicam obras científicas quase na mesma proporção que os pesquisadores homens (49%).



Marie Curie - 1ª Mulher a receber o Prêmio Nobel em 1903.

AUTORA:

LILIAN PEREIRA FERRARI
PROFESSORA, PESQUISADORA E
REITORA DO UNIBRASIL CENTRO
UNIVERSITÁRIO. DOUTORA EM
GENÉTICA

Publicado em 2006, o livro “Pioneiras da Ciência no Brasil”, das autoras Hildete Pereira de Melo e Lígia Rodrigues, conta um pouco da história das fortes desbravadoras que, mesmo em um “ambiente masculino”, mostraram todo seu valor e se evidenciaram nas ciências. Neste cenário não podemos deixar de mencionar a pioneira Alice Piffer Canabrava, historiadora que se tornou a primeira professora catedrática da USP, em 1951. E a também prestigiada Bertha Lutz, bióloga, sufragista e ativista feminista, além de várias outras mulheres que se consagraram nas ciências médicas, biológicas, físicas, químicas, agrônômicas e outras.

“Marie Curie, Ada Lovelace, Rosalind Franklin, Nise da Silveira e Graziela Maciel Barroso: no Brasil e no mundo, a história está repleta de mulheres na ciência que deixaram importantes marcos e ultrapassaram barreiras nas áreas de exatas e biológicas. Seja ao ganhar o Prêmio Nobel duas vezes, como Curie, ou por ser a maior catalogadora de plantas do Brasil, como Barroso, as mulheres sempre estiveram presentes na produção científica mundial” (Mulheres na Ciência, 2018).

Hodiernamente, mulheres brilhantes se destacam nas ciências, a exemplo de:

Denise Alves Fungaro – pesquisadora premiada na área da Química Ambiental. Ganhadora de sete prêmios por sua pesquisa sobre a transformação dos resíduos de carvão gerados por termelétricas, a química Denise é formada pela Universidade de São Paulo (USP), com mestrado e doutorado em Química Analítica pela mesma instituição e pós-doutorado em Eletroquímica aplicada ao meio ambiente pela Universidade de Coimbra, em Portugal.

Simone Maia Evaristo – bióloga e citotecnologista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Simone é presidente da Associação Nacional de Citotecnologia (Anacito). É a única brasileira no quadro de membros ativos, como membro diretor da Academia Internacional de Citologia (IAC). Atualmente é supervisora na área de ensino técnico do Instituto Nacional do Câncer (INCA) e sua missão tem sido divulgar o papel do controle do câncer.

Ludhmila Abrahão Hajjar - professora associada da Faculdade de

Medicina da USP (FMUSP), trabalha no departamento de Cardiopneumologia, sub-departamento da Cardiologia. É diretora clínica do Instituto do Coração da mesma instituição (InCor-HC-FMUSP), coordenadora da pós-graduação em Cardiologia da FMUSP, coordenadora da Unidade de Terapia Intensiva Cirúrgica do InCor, coordenadora da UTI do Instituto do Câncer da FMUSP (ICESP).



A bióloga e sufragista Bertha Lutz

Duília de Mello - conhecida pelo título poderoso de Mulher das Estrelas, Duília é formada em Astronomia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é responsável por projetos na NASA. Ela trabalha na Universidade Católica da América, em

Washington. Seus trabalhos envolvem, entre outros, a descoberta da supernova 1997D, uma estrela bastante citada por ser a supernova mais fraca já vista até hoje.

Celina Turchi – professora aposentada da Universidade Federal de Goiás (UFG) e ganhou o título de influenciadora mundial pelo papel que desenvolveu na investigação dos casos de microcefalia e a relação com o vírus Zika. Foi ela a responsável por formar uma rede com cerca de 30 de profissionais de diversas especialidades e instituições, reunidos no Merg – Microcephaly Epidemic Research Group (Grupo de Pesquisa da Epidemia de Microcefalia). Em apenas três meses, o grupo de pesquisadores conseguiu identificar como o vírus Zika e a microcefalia estavam associados.

Mayana Zatz - fundou em 1981 a Associação Brasileira de Distrofia Muscular, que trata pacientes com distrofias musculares, do qual é diretora presidente. Em 1995 tornou-se pioneira ao localizar um dos genes ligados a um tipo de distrofia dos membros, junto com Maria Rita Passos-Bueno e Eloísa de Sá Moreira. Juntas, também foram responsáveis pelo mapeamento do gene responsável pela síndrome de Knobloch. Geneticista de renome mundial, sua pesquisa tem como foco principal as doenças neuromusculares (distrofias musculares, paraplegias espásticas, esclerose lateral amiotrófica). Em 2015, iniciou investigação sobre microcefalia em bebês nascidos de mães infectadas com o vírus Zika, cujos resultados dos trabalhos foram publicados na revista Nature em fevereiro deste ano. Mayana é também uma autoridade nas pesquisas com células-tronco e diretora do Centro de Estudos do Genoma Humano na Universidade de São Paulo (USP).

Além destas grandes cientistas já consagradas, não podemos deixar de citar jovens revelações como:

Joana D'ark Felix – Doutora em Química, hoje vive na França. Desenvolveu um modelo de pele artificial para pessoas vítimas de queimaduras. Desenvolveu, ainda, o conhecido “cimento ósseo”, um produto extraído do couro animal e da escama de peixes capaz de acelerar a recuperação de fraturas. Seu grupo de pesquisa já ganhou mais de 60 prêmios de reconhecimento científico.

Rosali Lopez – Atua na área de astronomia e vulcanologia. Hoje vive no Texas e é chefe do Departamento de Ciências Planetárias da Nasa, Já estudou dezenas de vulcões da Terra a fim de comparar suas condições com a de outros corpos celestes do Sistema Solar.

Rafaela Salgado Ferreira – Doutora em Química, dirige o laboratório de modelização molecular e de concepção de medicamentos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Concentra suas pesquisas em tratamentos mais eficazes para a doença de Chagas. Trabalha com simulações computadorizadas de moléculas que possam inibir uma proteína responsável pela ação do protozoário *Trypanosoma Cruzi*, o causador da doença de Chagas. As mesmas técnicas computacionais são utilizadas para encontrar substâncias que possam agir no vírus Zika e impedir sua replicação.

Marcia Barbosa – conquistou o For Women In Science, criado em 1998 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Marcia é professora e diretora do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua pesquisa possibilitou a descoberta de uma particularidade da molécula da água chamada anomalia de difusão. De acordo com a Unesco, o achado pode contribuir para o esclarecimento da estrutura das proteínas dentro do corpo humano e prevenir doenças, além de ajudar a entender a importância da água presente na crosta terrestre e os efeitos externos que modificam seu comportamento.

Os exemplos são numerosos, todas mulheres de destaque em suas áreas de pesquisa. Algumas delas, em entrevistas, relatam suas jornadas duplas ou triplas cuidando de suas casas e filhos. Ou seja, verdadeiras guerreiras que orgulham nosso país.

Mesmo assim, apesar do progresso em relação ao espaço ocupado por mulheres na ciência brasileira, as quais notadamente têm publicado mais e recebido mais financiamento para pesquisa, infelizmente ainda se contempla uma desigualdade de gênero importante. Exemplos nítidos são os cargos de maior prestígio e visibilidade, que ainda têm sido ocupados prioritariamente por homens. Apesar de concursos públicos serem mais desobstruídos de preconceito e a qualidade do trabalho destas mulheres se sobressair a qualquer questão de gênero, mesmo em instituições públicas ainda se observa certa dificuldade com a autoridade e imposição feminina. Porém, contrapondo-se a esse mundo, até pouco tempo atrás, tão masculino, cada vez mais mulheres têm provado seu potencial e sua força em todas as áreas do conhecimento. ●